

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências - Bauru**

LARISSA CRISTINA DOS SANTOS SBRUGNERA

**PERCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS**

**Bauru
2025**

LARISSA CRISTINA DOS SANTOS SBRUGNERA

**PERCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS****TÍTULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a Faculdade de Ciências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: PROF. DR. Milton Vieira do Prado
Junior

**Bauru
2025**

Sbrugnera, Larissa Cristina dos Santos.

Percepção sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais / Larissa Cristina dos Santos Sbrugnera.- Bauru, 2025

34 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior.

1. Educação Física 2. Transtorno do espectro Autista. 3. Desenvolvimento psicomotor - Educação Física escolar. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

LARISSA CRISTINA DOS SANTOS SBRUGNERA

PERCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a Faculdade de Ciências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: PROF. DR. Milton Vieira do Prado
Junior

Área de Concentração: Educação Física Escolar

Data da defesa: 26/11/2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior
UNESP - “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru

Prof. Dr. Marcio Pereira da Silva
UNESP - “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru

Prof. Ms. Vívian Húngaro Costa
UNESP- Professora da rede municipal de Macatuba

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar, fortalecer e tornar resiliente em cada etapa desta jornada.

À minha família, meus pais, meu irmão e minha cunhada por nunca desistirem de mim e por me apoiarem em todos os momentos, com amor, paciência e cuidado ao longo dos anos, permitindo que eu chegasse até aqui. Tudo o que conquistei é reflexo da dedicação e dos valores que me ensinaram.

Aos meus professores e ao meu orientador, por compartilharem seus conhecimentos e, com paciência, me inspirarem a enxergar a Educação Física com um olhar mais humano, inclusivo e transformador.

Ao professor de Educação Física da escola, em especial ao professor Valdinei, pela amizade, incentivo e por ter me apoiado em diferentes momentos da minha trajetória acadêmica e pessoal. Sua orientação e confiança contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho e para minha formação profissional.

Aos meus amigos e colegas de trabalho e faculdade, pela amizade, companheirismo, risadas e força nas horas difíceis, cada gesto de apoio fez a diferença nesta caminhada.

E, com um carinho especial, agradeço à escola, aos professores e aos profissionais que contribuíram para a realização desta pesquisa. Cada vivência, olhar e aprendizado me mostraram que a inclusão acontece por meio de pequenas conquistas diárias, empatia e muito amor.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças com Transtorno do Espectro Autista, que me ensinaram que cada gesto, cada movimento e cada sorriso carregam um universo de possibilidades. Vocês me inspiraram a ser uma profissional melhor e a compreender que o sucesso só acontece quando o amor se transforma em aprendizado e o aprendizado, em amor. Afinal, o motivo de tudo isso sempre será o amor.

Dedico também à minha família, que sempre acreditou em mim e me motivou a continuar estudando e evoluindo.

E, por último, mas não menos importante, dedico esta pesquisa ao meu orientador, que me incentivou a ampliar o olhar sobre a Educação Física inclusiva e me apoiou em todas as fases deste trabalho. Minha eterna gratidão a todos vocês.

RESUMO

A Educação Física, por meio de aulas planejadas e adaptadas às necessidades individuais dos alunos, contribui significativamente para o desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo desses estudantes. As atividades psicomotoras favorecem a coordenação motora, a consciência corporal, a socialização e a autonomia, em especial, no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista refletindo em avanços no desempenho acadêmico e na integração social. Na literatura encontramos evidências que a inclusão efetiva demanda o envolvimento coletivo da equipe escolar, formação continuada dos professores e adequações pedagógicas, assim como infraestrutura adequada e recursos específicos. Este estudo teve como objetivo analisar a percepção dos profissionais da escola sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental. O estudo caracteriza-se por ser qualitativo, exploratório e utilizou da entrevista semi-estruturada para coleta de informações com 14 profissionais que atuam em uma escola pública do interior de São Paulo. O estudo apoia-se na teoria bioecológica do desenvolvimento humano para contextualizar os múltiplos fatores que influenciam a inclusão, destacando o papel das interações em diferentes ambientes e a necessidade de uma atuação integrada e colaborativa. A primeira evidência é que tem aumentado o número de alunos com TEA no contexto escolar, que os profissionais conhecem as principais características dos transtornos, vem a Educação Física como um caminho para efetivar a inclusão, porém, ainda existem desafios a serem enfrentados. Ressalta a importância do planejamento pedagógico intencional, do uso do Plano Educacional Individualizado (PEI) e das estratégias adaptativas para garantir a participação ativa dos alunos com TEA. Além disso, consideram a falta de capacitação prática dos profissionais e a limitação de recursos ainda comprometem o processo inclusivo. Conclui-se que a Educação Física é uma disciplina transformadora, essencial para promover o bem-estar e o desenvolvimento global dos alunos com TEA, sendo necessária a continuidade na formação docente e políticas públicas que assegurem condições adequadas para o exercício dessa função e um trabalho integrado de todos os participantes do ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação física; Transtorno do Espectro Autista; Desenvolvimento psicomotor; Inclusão escolar; Planejamento pedagógico.

ABSTRACT

Physical Education, through lessons that are planned and adapted to the individual needs of students, contributes significantly to their motor, social, cognitive, and affective development. Psychomotor activities promote motor coordination, body awareness, socialization, and autonomy, especially in the process of including students with autism spectrum disorder (ASD), reflecting improvements in academic performance and social integration. The literature provides evidence that effective inclusion requires the collective involvement of the school team, continuous teacher training, and pedagogical adjustments, as well as adequate infrastructure and specific resources. This study aimed to analyze the perception of school professionals regarding the role of Physical Education in the psychomotor development of students with autism spectrum disorder (ASD) in the early years of elementary education. The study is characterized as qualitative and exploratory and used semi-structured interviews to collect information from 14 professionals working in a public school in the interior of São Paulo. The research is based on the bioecological theory of human development to contextualize the multiple factors that influence inclusion, highlighting the role of interactions in different environments and the need for integrated and collaborative action. The first evidence is that the number of students with ASD in the school context has increased, that professionals are familiar with the main characteristics of the disorder, and that they view Physical Education as a pathway to achieve inclusion; however, challenges still remain. The study emphasizes the importance of intentional pedagogical planning, the use of the Individualized Educational Plan (IEP), and adaptive strategies to ensure the active participation of students with ASD. Furthermore, the lack of practical training for professionals and limited resources still compromises the inclusion process. It is concluded that Physical Education is a transformative discipline, essential for promoting the well-being and overall development of students with ASD, and that continued teacher training and public policies ensuring adequate conditions for this role, as well as integrated work among all participants in the school environment, are necessary.

Keywords: Physical Education; Autism Spectrum Disorder; Psychomotor Development; School Inclusion; Pedagogical Planning

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
3	METODOLOGIA.....	18
4	DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
TCLE		33

1INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário da educação, é imprescindível destacar a importância das aulas de Educação Física para alunos com o transtorno do espectro autista (TEA), devido ao seu potencial de evolução em aspectos físicos, motores, sociais e afetivos. Silva, Prefeito e Toloí (2019) destacam o direito assegurado de crianças com TEA a participarem das aulas em escolas regulares, com o objetivo de alavancar as relações sociais, a realização de tarefas do cotidiano com autonomia e a aprendizagem por meio do brincar. Tendo em vista as especificidades e necessidades individuais de cada aluno, torna-se fundamental adaptar as atividades para a inclusão destes alunos, no ensino fundamental.

Fiorini e Manzini (2023) apresentam temas interessantes para a melhoria da inclusão nas escolas, pois apesar dos avanços, ainda existem diversas lacunas a serem preenchidas, como incertezas em conteúdos a trabalhar, didáticas a utilizar e a competição predominante do esporte, podendo interferir na participação dos alunos com o transtorno. Contudo, eles destacam alguns pontos positivos envolvendo a presença ativa dos professores, o uso constante de feedbacks e algumas estratégias como analisar as potencialidades dos alunos e considerar objetivos das aulas a partir disso, através de tecnologia assistiva e até colega tutor por exemplo, buscando a autonomia e a independência do educando, além das adaptações curriculares que facilitam no processo de inclusão.

Ao associar a Educação Física a psicomotricidade é possível perceber a eficácia no desenvolvimento de estudantes com TEA. Lauriano e Fiorini (2021) demonstram que por meio de aulas planejadas com estratégias e enfoque na particularidade de cada aluno, resultam em melhorias na coordenação motora, socialização e na consciência corporal. Seguindo esse raciocínio, Nascimento (2019) aponta que apesar dos desafios, relata diversos resultados positivos a partir de aulas planejadas e professores que buscam especializações, alcançando bons feedbacks na comunicação, concentração e no comportamento da criança autista, além do desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

A fim de atender aos requisitos para uma inclusão efetiva dentro das escolas, toda a equipe deve estar envolvida no processo, como algo coletivo, tendo a

participação de gestores, professores, funcionários e todos os profissionais do ambiente escolar. Conforme Reis et al. (2021), o sucesso do processo da inclusão não depende apenas do professor, é crucial a presença de todos os envolvidos para um ambiente mais acolhedor, acessível e respeitoso. Ainda assim, desafios na infraestrutura e na formação de professores podem comprometer a qualidade do ensino e por consequência a participação dos alunos.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), proposta por Bronfenbrenner (2011), será utilizada como referencial teórico rico em detalhes para a compreensão da inclusão. O autor observa que o desenvolvimento da criança pode acontecer por meio de interações em diferentes ambientes e situações, como desde o microssistema por meio dos relacionamentos com os professores e colegas da escola, até o macrossistema que engloba leis, cultura, valores, demonstrando que a inclusão não ocorre de forma isolada mas sim por meio de múltiplas interações.

De acordo com Bronfenbrenner (1996), o microssistema corresponde aos ambientes imediatos vivenciados pela criança, como a sala de aula, o intervalo e as aulas de Educação Física, onde ocorrem interações diretas. O mesossistema é o conjunto de relações entre dois ou mais microssistemas (por exemplo, a relação entre sala de aula, AEE e Educação Física). O exossistema refere-se a ambientes que não envolvem a criança diretamente, mas que influenciam seu desenvolvimento (como decisões da gestão escolar). Já o macrossistema inclui valores culturais, políticas públicas, leis e ideologias que moldam o contexto educativo. Assim, a inclusão não ocorre apenas no microssistema, mas depende da integração entre todos esses níveis.

No estudo de Brito (2025) que utilizou a TBDH no seu estudo sobre a inclusão nas aulas de Educação Física, destacou a importância da construção de um ambiente inclusivo, onde todos os participantes do contexto escolar tem participação para planejar as ações que garantam a participação efetiva da PCD no contexto escolar. A autora relata que ainda existem dificuldades no relacionamento entre o professor de Educação Física, o professor de sala, o responsável pelo AEE, porém vê avanços com uma atuação integrada em busca de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Como citado anteriormente, se faz de extrema necessidade a formação e capacitação dos profissionais, para o sucesso da inclusão, Tavares, Santos e Freitas (2021) argumentam sobre a relevância da preparação dos educadores para atuar com

alunos com deficiência, por meio de formação continuada e acesso a recursos pedagógicos adequados. Considerando tais desafios, a teoria bioecológica defende que para haver um ambiente educacional inclusivo, a interação entre pessoa, processo, contexto e tempo devem andar lado a lado para o desenvolvimento humano.

Diante desse cenário de dúvidas e incertezas, o presente estudo teve como objetivo analisar a percepção dos profissionais da escola sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com o transtorno do espectro autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental, observando como diferentes fatores influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

OBJETIVO

Analisar a percepção dos profissionais da escola sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais.

2REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Educação Física escolar e alunos com deficiência

A Educação Física tem um vasto potencial para contribuir com o desenvolvimento psicomotor e social do aluno, principalmente com o comprometimento e dedicação do professor de educação física em adaptar suas aulas para a participação efetiva de todos os alunos, de acordo com Toloi, et al. (2019). A inclusão escolar é assegurada por meio da Lei nº13.146/2015, garantindo as oportunidades estudantis, o acesso à educação e adaptação para a participação efetiva; Oferecendo condições de acessibilidade e adequações de currículo para alunos com deficiência. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seguindo a mesma ideia, afirma que a educação básica deve ser inclusiva a todos os alunos (Brasil, 2017).

Fiorini e Manzini (2023) destacam a dificuldade do corpo docente em realizar o processo de inclusão na prática, por falta de uso de estratégias ideais para aplicarem o conteúdo planejado, este, pensado com antecedência para alcançar as especificidades de cada aluno, por meio de aulas adaptadas. Partindo destes obstáculos, Tavares et al. (2016) evidencia a necessidade de implementação de

disciplinas a respeito da educação inclusiva na graduação, por meio de temas transversais, para que o corpo discente seja apresentado a práticas com crianças com deficiência e assim adquiram habilidades e diferentes estratégias para sua atuação profissional. E para total eficácia da educação física escolar inclusiva é de suma importância a capacitação de professores, reformulação de políticas públicas, a fim de garantir as proposições oferecidas pela lei, assegurando condições adequadas de trabalho.

Ao falar de inclusão é comum se destacar apenas a relação aluno-professor, contudo, seguindo os princípios da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, afirmado por Reis et al (2021), não depende apenas da criança ou do ambiente, mas de todas as interações da criança em diversos contextos.

2.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é referido como um transtorno do neurodesenvolvimento determinado por dificuldades na comunicação, interação social e com padrões restritos e repetitivos de comportamento, com movimentos estereotipados e repetitivos, rotinas rígidas, hiper focos e sensibilidade aguda (APA, 2013). O termo espectro refere-se a muitas características, variando de pessoa a pessoa, sendo assim, cada criança possui um nível de suporte diferente, de acordo com suas manifestações e singularidades.

As crianças diagnosticadas com TEA, em alguns casos apresentam, também, déficits no desenvolvimento motor, na coordenação e na percepção corporal, além de desafios na autorregulação emocional e comportamental. Além disso suas habilidades cognitivas variam, podendo se enquadrar em Deficientes Intelectuais e inteligência acima da média (Spies et al., 2023)

De acordo com Bronfenbrenner (2011), a criança aprende muito brincando, então essa interação pode ser usada em favor da criança como excelente estratégia a fim de propiciar o desenvolvimento social/físico e cognitivo do aluno; Para a efetivação desse processo proximal, é imprescindível a compreensão dos pais para um olhar mais atencioso ao “brincar” de seus filhos.

2.3 TEA na Educação Física escolar

Nas aulas de educação física, o aluno com o transtorno do espectro autista

desenvolve diversas habilidades, com o estudo de Lauriano e Fiorini (2021) e Lima (2022), comprova-se isso por meio do movimento, onde na psicomotricidade aspectos como coordenação motora, desenvolvimento cognitivo e afetivo são trabalhados, como uma ponte entre o físico e a socialização/experimento emocional e social, essa abordagem tem se apresentado positiva. Por meio da proposta de Lauriano e Fiorino (2021) as atividades psicomotoras adaptadas de acordo com as individualidades dos alunos com TEA contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo, questões sociais, criativas e afetivas.

Para que a educação inclusiva seja efetivada, é fundamental que os professores realizem um planejamento pedagógico cuidadoso e adaptado, que considere as necessidades individuais dos estudantes, promovendo práticas que estimulem a autonomia e a participação ativa, derrubando barreiras e ampliando as possibilidades de aprendizagem (Souza; Silva, 2021).

Estudos comprovam que a prática constante de atividade física a escola contribui positivamente para o desempenho psicomotor do aluno com TEA. Além de auxiliar no estabelecimento de uma rotina bem estruturada e nas relações sociais, de acordo com Nascimento Junior (2019).

Em pesquisa como de Lima (2022), comprova-se que a educação física atrelada a psicomotricidade alcança uma melhora na consciência corporal, desempenho motor e desenvolvimento funcional dos alunos com TEA.

A Educação Física escolar representa uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento global de alunos com Transtorno do Espectro Autista, promovendo ganhos nas áreas motora, social e cognitiva quando as atividades são adequadamente planejadas e adaptadas (Melo et al., 2024).

Basso Braz *et al.* (2024) destacam quatro categorias essenciais de estratégias para trabalhar com alunos autistas, incluindo: a) modelos de apoio e trabalho colaborativo entre professores e equipe escolar; b) comunicação clara com uso de linguagens visuais; c) adaptações de conteúdo e atividades para garantir participação; d) do uso de materiais pedagógicos adaptados e recursos táteis.

Para uma educação inclusiva efetiva, o planejamento pedagógico intencional e bem fundamentado é essencial, e destaca-se a importância do Plano Educacional Individualizado (PEI) como ferramenta para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA no ensino regular." (Silva; Oliveira, 2018; Silva; Oliveira, 2020).

Com estratégias e recursos pedagógicos adaptados aos ritmos e

singularidades dos alunos, é possível observar maior engajamento, autonomia e progresso acadêmico e social, apesar dos desafios enfrentados pelos professores devido à falta de formação e recursos limitados. (Silva; Santos, 2023).

Ótimas ferramentas para a inclusão e desenvolvimento dos alunos com TEA nas aulas de educação física escolar são os jogos e brincadeiras, visto que as atividades lúdicas estimulam múltiplas habilidades cognitivas, motoras, sociais e comunicativas. Por meio da brincadeira, a criança é apresentada a infinitas oportunidades de interação social, além de se desenvolverem em diversos outros aspectos, aprendendo limites e regras (Barros 2020).

A partir disso, confirmando todas as informações da literatura, estudos recentes também destacam os frequentes desafios que os professores de Educação Física encontram no processo de inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista. Braz (2025) relata que apesar da visibilidade e sensibilização dos profissionais a respeito da inclusão, ainda existem alguns enfrentamentos na formação inicial e continuada, onde acabam recorrendo a práticas sem embasamento teórico ou específico para aquele determinado grupo ou aluno. A autora defende a ideia de que a inclusão precisa ser compreendida como um processo coletivo e sistêmico, englobando toda a comunidade escolar, políticas públicas, e formação continuada dos professores.

Miranda (2025) apontou algumas lacunas que influenciam a não efetivação do processo de inclusão, por conta da falta do preparo docente, infraestrutura inadequada, atitudes excludentes e falta do apoio familiar. Para além disso, a autora incentiva os professores, com estratégias estabelecidas afim de promover uma inclusão efetiva no ambiente escolar, algumas das estratégias propostas são: dialogo com profissionais especializados, adaptação de atividades e criação de um ambiente saudável e acolhedor.

2.4 A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) e o processo de inclusão.

Utilizaremos como referencial teórico para buscar entender o processo de inclusão do aluno com TEA no contexto escolar e nas aulas de Educação Física Escolar a proposta de Bronfenbrenner (1996) para tentar compreender o ser humano em desenvolvimento.

Bronfenbrenner (1996) afirmava que a criança, quando em um determinado ambiente, passa a estabelecer algum tipo de elo (apego ou vínculo) com o local. É nessa relação que é influenciada tanto pelos que estão (ou deveriam estar nesse ambiente) quanto pelo que está ao seu redor. No caso da inclusão devemos as pessoas que compõe o ambiente tem papel decisivo para compreender a criança e o ambiente físico e de relacionamento que está a sua volta. Tanto para o planejamento adequado das atividades como também tentar minimizar influências que podem dificultar a participação nas atividades.

No estudo de Hernandez-Garcia (2023) revisitou a proposta de Bronfenbrenner e verificou dois momentos da TBDH:

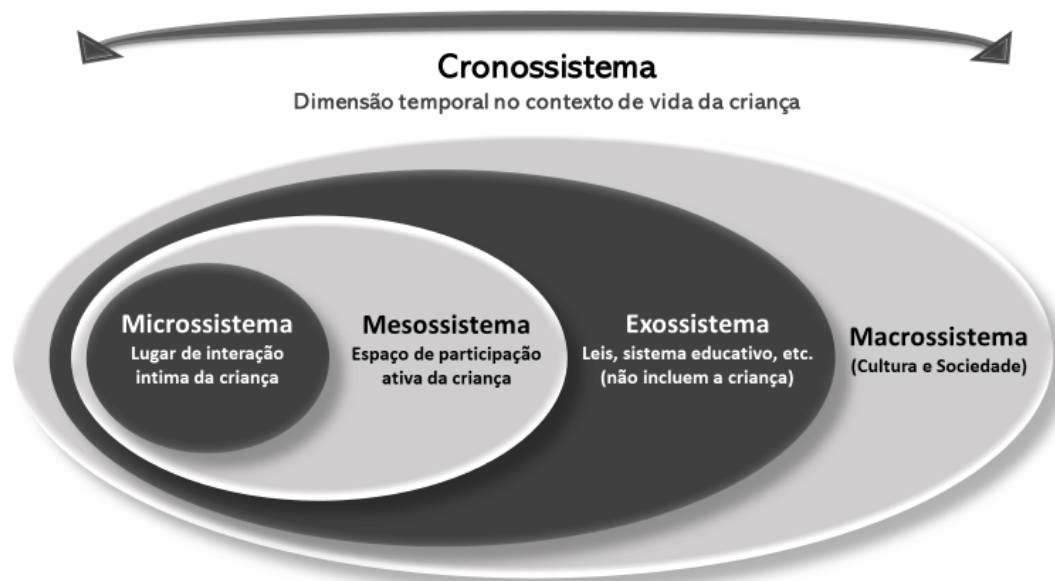
a) num primeiro momento o questionamento do autor na Teoria Ecológica do Desenvolvimento, discutia e era contra os estudos laboratoriais e artificiais; os pressupostos básicos indicavam a importância de conhecer a pessoa em desenvolvimento em seu ambiente natural, portanto, focava nos ambientes imediatos da pessoa, suas atividades, relações humanas e fatores de outros contextos que não vivenciados pela pessoa, portanto, deveríamos analisar os contextos ambientais denominados: Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrosistema;

b) posteriormente, o autor ampliou sua visão, mantendo o ambiente imediato como foco de investigação, porém, valorizava: Pessoa, Processo, Contexto e o Tempo (modelo PPCT).

Nesta última versão da proposta, Bronfenbrenner e Morris (1998) incorporou a visão do Cronossistema, ou seja, algumas mudanças nos ambientes tem que ser considerada a partir da linha do tempo. Por exemplo, quando foram aprovadas as leis que garantiam a inclusão na escola e quando começaram a ser implementadas na prática na escola.

No estudo de Vitorino (2023) utilizou este modelo para estudar a falta de estrutura física do ambiente interferindo no planejamento e aplicação das atividades nas aulas de Educação Física Escolar. A Figura 1 apresentada por Vitorino (2023) busca retratar como a proposta de Bronfenbrenner pode ser aplicada na análise do contexto escolar.

Figura 1 – Modelo de Bronfenbrenner explicando os diferentes contextos que envolve a criança em desenvolvimento.



Fonte – Adaptada de Vitorino (2023)

Analisando o modelo e adequando ao presente estudo, o ambiente imediato a ser investigado seria as aulas de Educação Física Escolar onde o professor de Educação Física vivencia o processo de inclusão do aluno com TEA. Organizando a nossa investigação a partir do modelo PPCT, verificamos:

Pessoa – seria o aluno com TEA;

Processo – inclusão nas aulas de Educação Física Escolar;

Contexto – Microssistema vivenciado pelo professor e o Mesossistema onde outros profissionais da Escola convive com o aluno com TEA ou com o professor de Educação Física;

Tempo – entender as mudanças na legislação e como esta hoje, no microtempo a inclusão ocorrendo no chão da escola.

No estudo de Braz (2025) investigando o processo de inclusão do aluno com TEA nas aulas de Educação Física, demonstrou que a formação inicial dos professores de Educação Física, embora marcada por avanços ainda apresenta lacunas significativas na preparação para a atuação inclusiva, especialmente no atendimento a alunos com TEA. A investigação revelou que a maioria dos docentes não se sente devidamente capacitados para ministrar aulas inclusivas, sendo recorrente a percepção de que os cursos de formação oferecem conteúdos superficiais ou restritos aos esportes adaptados, em detrimento de uma abordagem

pedagógica mais ampla e inclusiva. A autora, baseada na TBDH, concluiu que essa perspectiva elucidou como as deficiências na formação inicial, somadas à fragilidade das políticas institucionais de apoio, acabam por limitar a capacidade dos professores em desenvolver práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas e que a formação continuada é necessária.

Outro estudo baseado na TBDH que analisou o processo inclusivo na escola, verificou que a colaboração entre os professores de Educação Física e o profissional do Apoio Educaional Especial tem sido positiva. Porém, foi possível identificar que existem lacunas no processo inclusivo das aulas de Educação Física no sistema escolar investigado, como por exemplo: a escassez de recursos materiais adequados; a insuficiência na qualidade e quantidade dos serviços oferecidos pelos profissionais de apoio à inclusão; dificuldades relacionadas ao planejamento e; à utilização de estratégias capazes de garantir a participação de todos os alunos. Também foi identificada a necessidade de aprimorar a formação continuada voltada para a inclusão, a fim de atender mais efetivamente às demandas do processo inclusivo nas aulas de Educação Física.

Regis et al. (2025) teve como objetivo verificar a partir da visão dos professores de Educação Física como vem ocorrendo o processo inclusivo. Todos os participantes confirmaram que vivenciam o processo de inclusão nas suas aulas em Escola pública. Destacaram também, que o número de alunos com deficiência, laudados, vem aumentando nos últimos anos, em especial o aluno com TEA que se ve mais frequente no contexto escolar. Confirmaram também a visão que a formação inicial não prepara o profissional para a diversidade de ambientes que são gerados com a inclusão e reafirmam a necessidade de formação continuada aplicada as situações reais que o profissional vivencia no microssistema aulas de Educação Física Escolar.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender a percepção dos profissionais da escola sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório.

3.1 Seleção dos Participantes

Os participantes foram profissionais de uma escola municipal da cidade de São Manuel/SP, incluindo professores de Educação Física, monitores e profissionais do AEE. Ao todo, participaram 14 profissionais, selecionados por amostragem intencional, priorizando aqueles com experiência no atendimento a alunos com TEA.

Para preservar o anonimato, todos os participantes foram identificados por siglas referentes às suas funções na escola, seguidas por números, conforme a ordem das entrevistas. As siglas utilizadas foram:

PS – Professores de Sala

PEF – Professor de Educação Física

PAEE – Professora do Atendimento Educacional Especializado

P – Psicopedagoga

MA – Monitores de Alunos

E – Estagiária

PRE – Professora de Reforço Escolar

3.2 Coleta de Dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, permitindo que os profissionais expressassem suas percepções sobre a importância da Educação Física no desenvolvimento psicomotor dos alunos com TEA, os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas nas aulas, além dos impactos das atividades físicas na inclusão escolar. As entrevistas foram individuais, e ocorreram de forma presencial ou online, conforme acordo com o participante. Todas as entrevistas foram gravadas mediante autorização dos participantes para posterior transcrição e análise.

3.3 Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, organizando os relatos em categorias temáticas para identificar padrões, desafios e estratégias relatadas pelos profissionais. Foram analisados a partir da proposta da TBDH (Bronfenbrenner, 1996).

3.4 Aspectos Éticos

A pesquisa foi conduzida de acordo com as normas éticas de estudos com seres humanos, respeitando o anonimato e o consentimento dos participantes. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), anexado ao final deste trabalho (Apêndice A).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com os profissionais da escola, foi possível perceber tamanha importância do papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com Transtorno do Espectro Autista, no ensino fundamental.

Em primeiro lugar, compreende-se que os participantes possuem conhecimento sobre o TEA, citando ser uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, interação social e o comportamento. Conforme podemos observar nas respostas dos participantes:

PS1- Sim. O transtorno do Espectro Autista é uma condição no neurodesenvolvimento onde muitas crianças, adultos e adolescentes se encontram nos dias atuais.

PS2- O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento.

PS3- Eu entendo que são pessoas que possuem uma condição diferente de concentração, comunicação, comportamento, socialização e interação com as outras pessoas. Eu costumo

dizer que eles tem uma maneira diferente de ver o mundo, diferente de nós que não somos atípicos.

PS4- Sim. É uma condição neurológica que afeta o comportamento, a fala, a socialização e se manifesta de formas diferentes em cada indivíduo.

PS5- Sim, tenho alunos com TEA. É uma condição neurológica que afeta a comunicação, comportamento e a interação social, onde os sintomas variam dos mais leves aos mais intensos, envolve dificuldades em compreender expressões sociais, comportamentos repetitivos, as causas são multifatoriais com influências genéticas muitas vezes e ambiental. O diagnóstico é clínico e o tratamento incluiu terapias comportamentais, de fala e ocupacionais. Não é uma doença, mas uma forma diferente de funcionamento cerebral.

Sendo este um ponto positivo na pesquisa, visto ser uma condição que realmente precisa dessa compreensão, de um olhar atento e cuidadoso. Spies et al., (2023) descreve as características do TEA e o diferencia do Deficiente intelectual, além disso, apresenta uma variedade de manifestação deste transtorno, que precisa ser compreendida para uma atuação consciente.

No entanto, alguns profissionais relataram desafios em como lidar com o aluno na prática. Como podemos observar na fala do participante 4:

PS4- O primeiro desafio é a adaptação para ambas as partes. Não é tão simples quanto parece. Exige muita paciência, atenção, determinação e compreensão. Esse ano é a primeira vez que trabalho com um aluno nesta condição e a potencialidade que observei neste caso em específico é a sociabilidade, porém é preciso alguém para acompanhá-lo durante o período de aula, inclusive para auxiliar na alimentação e higienização.

Como no estudo Braz (2025) destaca em sua pesquisa como falta de formação prática, o professor acaba recorrendo , o professor acaba recorrendo a adaptarem suas aulas sem apoio teórico adequado. Já Brito (2025) argumenta na importância de profissionais de apoio para efetivação do processo inclusivo.

Além disso, os profissionais relataram dificuldade na aceitação do TEA na escola, porém, as maiores dificuldades está no quesito de existir a

dificuldade na fala e na interação social. Como podemos observar nas falas abaixo:

PS1- Pelos alunos que já tive observei como principais desafios a questão da aceitação, da socialização, da aceitação do desenvolvimento da atividade, do esperar ser atendido, enfrentamos esses desafios, mas são feitas as adaptações para cada aluno.

PS2- Acredito que os desafios temos a dificuldade na comunicação e interação social, que as vezes pode haver atrasos ou ausência na fala, dificuldades em manter conversas ou entender regras.

PS3- Os principais desafios eu acho que é a família, convencer a família da condição de seu filho que a maioria não aceita que o filho é laudado com TEA, e as vezes eles escondem o diagnóstico e não sei qual a maneira de ver, se tem vergonha ou não. Falo por experiência própria, quando meu filho foi diagnosticado eu enfrentei “numa boa”, claro que os desafios das famílias são muito maiores, porque essa pessoa vai precisar de auxílio a vida toda, porque não vai ter o mesmo desenvolvimento que outras crianças.

A partir da fala fica evidente que as características da Pessoa, são fundamentais para a o planejamento das atividades, conforme é previsto na TBDH de Bronfenbrenner (1996). No estudo de Braz (2025) a caracterização do aluno, compreender as limitações são realmente difícil para os profissionais na situação prática.

Um ponto que todos os profissionais concordaram é a necessidade de formações e continuidade no estudo na área da inclusão.

PS1- Formação, principalmente formação prática.

PS2- A formação e melhorias na infraestrutura.

PS3- Precisamos de uma reforma urgente na quadra e ter mais jogos voltados para a coordenação motora.

PS4- Formação continuada.

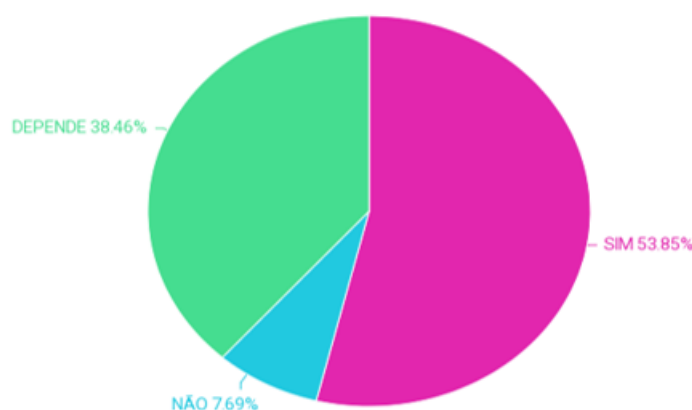
PS5- Formação, capacitação, estratégias de ensino adaptados, recursos, na infraestrutura também, apoio da instituição.

PEF- Acredito que formações são sempre bem vindas, além de melhorias no ambiente da quadra e alguns recursos.

A formação continuada surge como um dos caminhos para a efetivação do processo de inclusão. No estudo de Brito (2025) aponta que a diversidade dos tipos de alunos com deficiência é um desafio para o professor de Educação Física Escolar conhecer e adaptar as atividades. Regis *et al.* (2025) argumentam que o aluno com TEA é o que mais encontramos no contexto escolar, porém com pouca informação obtida pelo professor em sua formação inicial. Braz (2025) argumenta que a necessidade de proposta de formação continuada a partir da realidade vivida e das características apresentadas pelo aluno com TEA.

Foi mencionada em grande escala a importância das adaptações das aulas e atividades. Os resultados foram tabulados no Gráfico 1. A maioria 53% concorda da necessidade em adaptar as atividades. Já 38% disseram que depende, ou seja, as atividades podem ser feitas de forma igual ou com pequenos ajustes. Somente 7% disseram não fazer adaptações. Tais resultados são coerentes com Fiorini e Manzini (2023), que destacam as dificuldades dos professores com relação a falta de recursos e metodologias específicas para o processo de inclusão, necessitando adaptar o ambiente, materiais e as atividades.

Gráfico 1 – Você julga necessária a adaptação das atividades nas aulas de Educação Física para alunos com TEA



Fonte: Autoria própria

Entretanto foi possível analisar diversas potencialidades nos alunos com TEA, como a boa memória, sinceridade, capacidade de concentração e foco em atividades de interesse próprio. Foram também, mencionadas algumas áreas de alta percepção

de evolução, como o desenvolvimento psicomotor, sendo no equilíbrio, agilidade e consciência corporal, confirmando os estudos de Nascimento Junior (2019) e Lima (2022), que interligam os benefícios à coordenação motora, controle corporal e autonomia às atividades físicas.

Outro ponto positivo a ser destacado na pesquisa é de que a maioria dos entrevistados notaram eficácia nas aulas de Educação Física ao promover a socialização, respeito e compreensão de regras, cooperação e desenvolvimento físico. Conforme podemos verificar na Figura 2, onde a nuvem de palavras destaca a inclusão relacionada.

Essa perspectiva está de acordo com Bronfenbrenner (2011), que relaciona o desenvolvimento humano com a interação constante com o ambiente, sendo a escola, um espaço imprescindível para o crescimento global do aluno. Um dos aspectos de maior destaque são a socialização, em busca da autonomia a partir da melhora na coordenação motora, visando maior interação social nas aulas de Educação Física Escolar conforme observa também nas conclusões dos estudos de Braz (2025) e Miranda (2025).

Gráfico 2 – Nuvem de palavras sobre a TEA nas escolas



Fonte: Autoria própria

Visto que cada aluno apresenta diferentes níveis de desenvolvimento e

necessidade, as respostas dos entrevistados evidenciaram a importância das adaptações de atividades. Esta situação foi bem apresentada na resposta do participante PAEE abaixo:

PAEE- A escola já adota diversas estratégias para tornar o processo de inclusão mais acessível e acolhedor. Entre elas, destacam-se as atividades cooperativas e as dinâmicas voltadas à socialização. Também são utilizados recursos visuais para facilitar a compreensão das propostas, bem como alternativas comunicativas sempre que necessário, respeitando as particularidades de cada estudante. Em situações de sobrecarga sensorial, são oferecidas pausas, além do uso de fones abafadores para proporcionar mais conforto. A escola mantém ainda canais abertos de comunicação com as famílias, fortalecendo a parceria essencial para o desenvolvimento integral dos alunos com TEA.

PS6- Sim. Percebi uma grande mudança significativa no meu aluno. Com o tempo ele passou a participar mais das atividades propostas em sala de aula, a comunicação e interação com os colegas da turma e professor melhorou muito. Teve mudanças no comportamento, começou a entender e aceitar as regras e combinados realizados em sala de aula

Um aspecto de destaque na resposta é apresentação de uma das estratégias utilizadas com os alunos com TEA, tais como o uso de recursos visuais, instruções curtas e claras, reforço positivo e atividades em grupo. Essas práticas confirmam as propostas de Lauriano e Fiorini (2021), que ressaltam o planejamento individualizado e a utilização de atividades psicomotoras adaptadas para alavancar o desenvolvimento global de alunos com o transtorno em consonância com a ideia de Miranda (2025) que propõe estratégias de comunicação com especialistas, atividades adaptadas e formação de um ambiente acolhedor para o estudante.

A resposta de PS6 é o contexto ideal do processo inclusivo, onde percebemos a melhora no comportamento e, em especial, o aumento na interação com o professor, com os colegas e ser mais participativo nas atividades. Esta constatação apresentada demonstra que foi criado microssistema na aula de Educação Física positivo, onde gerou mudanças significativas e com persistiram no tempo, visto que o profissional guardou esta informação e nos relatou no estudo. Assim, a TBDH conforme idealizada por Bronfenbrenner (1996, 2011) parece ser um caminho para identificar, analisar, valorizar e propor mudanças no processo inclusivo nos diferentes ambientes do contexto escolar, reafirmando os estudos de Hernandez-Garcia (2023), Vitorino

(2023), Braz (2025), Bento e Prado Junior (2025).

Por conseguinte, outro ponto de destaque foi a relevância de uma parceria entre o professor de Educação Física, os professores regulares e os monitores, onde a comunicação é o ponto chave para o sucesso de uma equipe, principalmente para a inclusão. Aqui apresentaremos todas as respostas dos participantes, visto que este é um dos aspectos relevantes do presente estudo.

PS1- O Professor é muito atencioso, então ele proporciona um bom engajamento com os alunos, se esforça muito para que eles tenham essa interação e não temos nenhum problema, sempre por diálogos.

PS2- Mantemos sempre a comunicação constante, compartilhamos os progressos e desafios.

PS3- A parceria é muito necessária, principalmente com os monitores. Soma muito.

PS4- A parceria vem através de conversas sobre comportamento e desenvolvimento, o que precisa ser adaptado e como lidar com os alunos.

PS5- Acho que é essencial. Devemos trabalhar em conjunto para fornecer para o aluno o que a gente tem de melhor. O acompanhamento do aluno com TEA acontece por meio de uma ação colaborativa e continua que busca criar estratégias e garantir o desenvolvimento integral da criança com TEA, e assim pela troca de experiência e informações.

PEF- A parceria com a equipe é construtiva, acontece por meio de diálogos e propostas de melhorias e avanços para o aluno. Nosso foco é no bem estar físico e social do aluno, então buscamos sempre priorizar isso em si.

PAEE- A parceria com todos os envolvidos é colaborativa, mantendo um diálogo aberto, para que, juntos, possam planejar e encontrar as melhores formas de apoiar cada aluno de maneira única e acolhedora, respeitando suas necessidades e particularidades.

P- Através de um trabalho compartilhado entre todos os profissionais para um melhor desenvolvimento desse aluno.

MA1- O monitor fica junto para auxílio se necessário, mas o professor se compromete em conhecer cada um e aderir a aula conforme as limitações das crianças.

MA2- Nessa escola é boa até, professor de educação física se comunica bem com a professora da sala e a monitora do aluno.

E- O ideal seria um diálogo constante entre os três para entenderem de fato as limitações e as possibilidades do aluno.

Porém, na maioria dos casos, o diálogo maior é entre monitores e professor de Educação Física. Os monitores comentam as preferências, as limitações, as dificuldades e quando o aluno não está tão bem e o professor desenvolve o trabalho em cima dessas informações, ambos lidando juntos em momentos de crise dos alunos.

MA3- Que os dois estejam dispostos a colaborar e adaptar suas aulas para atender as necessidades do aluno.

PS6- Essa parceria deve acontecer de uma forma bem clara, acolhedora e respeitosa, tendo o aluno como foco. Os profissionais que estão diariamente com o aluno TEA precisam trocar informações. O apoio e cuidado do monitor é fundamental durante intervalo, as aulas e execução das atividades, com auxílio e monitoramento do professor regente. Em todos os espaços escolares eles devem observar o comportamento do aluno ou qualquer outra situação que possa mudar/interferir na rotina desse aluno.

PRE- Acredito que a parceria entre os professores e monitores ocorra com trocas de informações e feedbacks que possam pontuar dificuldades e avanços desses alunos.

Embora alguns participantes apontarem melhorias para esse fator, pois ainda existem algumas lacunas a serem lapidadas, a questão do processo de inclusão é uma das problemáticas atuais que esta permeando o trabalho dos diferentes profissionais envolvidos no contexto escolar. Questão essa que reforça a ideia de Reis *et al.* (2021), que evidencia a importância da atuação coletiva e colaborativa da equipe escolar. Além disso, materializa na prática o pressuposto teórico da TBDH que reafirma a necessidade de conhecer, analisar e influenciar a participação de todas as pessoas envolvidas no microssistema escolar (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Por fim, de maneira geral os participantes destacaram a necessidade de aprimoramento na formação, na infraestrutura e apoio institucional, inclusive com relação a recursos, sendo estes, materiais e espaços adequados para as práticas de atividades físicas.

E como incentivo, foi possível detectar a partir das respostas, as conquistas por meio da Educação Física escolar para crianças com TEA no ensino regular, nos anos iniciais do ensino fundamental. Demonstrando impactos reais e positivos, melhorando a autoconfiança, a socialização e evolução significativa em aspectos psicomotores e sociais. Esses achados são corroborados por Nascimento Júnior (2019), Lima (2022) e Melo e Nascimento (2024), que relatam impacto positivo da Educação Física na

autonomia, socialização e desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade analisar a percepção dos profissionais da escola a respeito do papel da educação Física na inclusão e no desenvolvimento psicomotor de alunos com Transtorno do espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental. Os resultados apresentaram que a Educação Física escolar possui grande influência e relevância para o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e social dos alunos, promovendo avanços significativos na coordenação motora, interação social e autonomia. A inclusão ocorre por meio de adaptações das atividades, dinâmicas em grupo, diálogo e cooperação entre a equipe escolar, trazendo diversos benefícios e superações para os alunos.

Constatou-se que ainda existem desafios a serem superados, em destaque a formação continuada dos professores, principalmente na prática, escassez de recursos e falta de infraestrutura adequada. É de suma importância que haja consonância entre toda a equipe escolar na realização de um trabalho colaborativo, com o apoio de políticas públicas, a fim de garantir o suporte técnico e pedagógico necessário para que o processo de inclusão ocorra de forma efetiva.

Como contribuição, este estudo reforça a importância da Educação Física como disciplina transformadora e essencial para a promoção do bem estar físico e social dos alunos com TEA, garantindo impacto positivo para o desenvolvimento psicomotor e na inclusão e que a TBDH é um caminho para identificarmos e valorizar as práticas inclusivas no contexto escolar, bem como identificar variáveis de outros contextos ambientais que influencia este processo, idealizado nas mudanças de legislação ocorridas no início do século, já sendo incorporada no ambiente escolar mas que ainda necessita de mudanças na escola para que a inclusão seja uma postura comum nas aulas de Educação Física Escolar.

Observa-se que através de práticas planejadas a partir das especificidades e particularidades de cada aluno é possível favorecer o processo global desses estudantes. Desta forma, é fundamental que mais estudos sejam realizados sobre esta temática para auxiliar o professor, da escola, que não vê o potencial de mudanças que é possível realizar no ambiente das aulas para possibilitar o desenvolvimento do aluno com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BASSO BRAZ, A. et al. Educação física escolar e desenho universal para a aprendizagem: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 37, e91680, 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF, 2015.

BRAZ, U. L. T. **Da formação à atuação profissional: alunos com Transtorno do Espectro Autista na Educação Física Escolar**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

BRITO, Fernanda Medes de Oliveira de. **A Educação Física e o aluno com deficiência: da formação de professores às possibilidades inclusivas no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em

Rede Nacional – ProEF). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Dificuldades e sucessos de professores de Educação Física em relação à inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, n. 1, p. 37-50, 2023.

HERNANDES-GARCIA, E. M. M. Educação Física nos Anos Iniciais na Rede Municipal de Educação de São José do Rio Preto – SP: sob a perspectiva dos atores da educação. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

LAUREANO, A. C.; FIORINI, M. L. S. Possibilidades da psicomotricidade em aulas de Educação Física para alunos com transtorno do espectro autista. **Revista Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 22, n. 2, p. 317-332, 2021.

LIMA, L. E. P. A Educação Física e o desenvolvimento psicomotor da criança com transtorno do espectro autista (TEA). **Anais do XVI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, Universidade Federal de Sergipe, 2022.

MELO, L. dos S. N.; NASCIMENTO, M. A. do. Educação física como ferramenta inclusiva de alunos com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, v. 30, e3024, 2024.

MIRANDA, L. L. R. do N. de. **Caminhos para a superação: inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física**. 2025. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

NASCIMENTO JÚNIOR, H. C. Contribuições da Educação Física escolar no desenvolvimento psicomotor da criança autista. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 20, n. 1, p. 71-79, 2019.

OLIVEIRA, F. L. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, p. 1-5, 2020.

REGIS, M. C. O. et al. A inclusão do aluno com deficiência e a formação do professor: uma análise nos anos finais do ensino fundamental e médio. Anais do VII Congresso Nacional de formação de professores e XVII Congresso Paulista de Formação de Professores. Unesp, Águas de Lindoia-SP, 2025.

REIS, D. C.; PONTES, R. L. B. A.; RODRIGUES, S. M. S.; DANTAS, M. A. A vivência na inclusão escolar na perspectiva da abordagem bioecológica de Bronfenbrenner. **Revista APAE Ciência**, v. 1, p. 111-120, 2021.

SILVA, A. R. da; OLIVEIRA, F. L. Práticas pedagógicas e desafios na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 4, e3581, 2018.

SILVA, C. M.; SANTOS, J. P. Estratégias pedagógicas inclusivas para alunos com necessidades especiais: desafios e avanços. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, n. 1, p. 45-60, 2023.

SILVA, I. C. P.; PREFEITO, C. R.; TOLOI, G. G. Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento motor e social do aluno com transtorno do espectro do autismo. **Revista Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v.20, n.1, p.71-80, Jan. - Jun., 2019.

SOUZA, M. L.; SILVA, A. R. Planejamento docente e práticas pedagógicas na educação inclusiva: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 26, e260048, 2021.

SPIES, A. L.; GASPAROTTO, G. S.; SILVA, M. R. Características do desenvolvimento motor em crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, v. 36, p. 1-16, 2023.

TAVARES, L. M. F. L.; SANTOS, L. M. M.; FREITAS, M. N. C. A educação inclusiva: um estudo sobre a formação docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 527-542, 2016.

VITORINO, M. Minha escola não tem quadra: problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – , Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Impacto da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais.

Pesquisadora: Larissa Cristina dos Santos Sbrugnera

- 1- Qual seu cargo na escola?
- 2- Você sabe o que é o Transtorno do Espectro Autista? Explique.
- 3- Quais são os principais desafios e potencialidades que observa no desenvolvimento de alunos com TEA?
- 4- Você percebe mudanças no comportamento ou no desenvolvimento desse aluno ao longo do tempo? Quais?
- 5- Na sua visão, qual a importância das aulas de Educação Física para os alunos com TEA?
- 6- Quais habilidades psicomotoras ou sociais você percebe que mais evoluem com as práticas corporais?
- 7- Você julga ser necessário a adaptação das atividades nas aulas de Educação Física para

os alunos com TEA?

8- Como acontece a parceria entre professor de Educação Física e professores de sala/monitores no acompanhamento do aluno com TEA?

9- Quais estratégias vocês utilizam para promover a inclusão e o desenvolvimento desse aluno?

10- Você sente que há uma boa comunicação e alinhamento entre a equipe escolar?

11- Quais são os maiores desafios enfrentados no processo de inclusão desse aluno nas aulas de educação física?

12- O que poderia ser melhorado para facilitar esse processo? (formação, recursos, infraestrutura, apoio institucional)

13- Qual foi a experiência mais marcante de um aluno com TEA nas aulas de Educação Física ou por intermédio das aulas de Educação Física?

TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 / Resolução 510/2016)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada provisoriamente: **“Percepção sobre o papel da Educação Física no desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais”**, da pesquisadora Larissa Cristina dos Santos Sbrugnera, sob orientação do Prof. Milton Vieira do Prado Junior.

O objetivo deste estudo é analisar como as aulas de Educação Física contribuem para o desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental, com base na percepção professores e profissionais da escola. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, buscando compreender como as práticas pedagógicas impactam o desenvolvimento dos alunos e quais estratégias são mais eficazes para promover a inclusão.

A relevância deste estudo está em oferecer subsídios para melhorar as práticas de ensino, fortalecendo uma educação mais inclusiva, sensível às necessidades dos alunos com TEA e comprometida com a qualidade do ensino-aprendizagem.

Nesta pesquisa, a amostra participará individualmente de uma entrevista semiestruturada, com duração máxima de 1 hora.

Riscos e benefícios

Os riscos relacionados à sua participação poderão envolver algum constrangimento durante a entrevista. Para minimizar isso, a entrevista será realizada em local de sua confiança, com garantia de privacidade e sigilo dos dados.

Os benefícios serão indiretos, ao contribuir para o avanço do conhecimento na área da Educação Física e Inclusão, além de auxiliar na formulação de estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento psicomotor de alunos com TEA.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá decidir se deseja ou não participar e, ainda, desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo, e seu nome não será identificado em momento algum.

Se houver qualquer dano decorrente de sua participação, imediato ou tardio, você terá direito a assistência integral e gratuita, além da possibilidade de buscar indenização por meios legais, conforme previsto pela Resolução CNS 466/12.

Este documento foi elaborado em duas vias, que deverão ser rubricadas em todas as páginas e assinadas por você e pela pesquisadora ao final, ficando uma via com cada um. Durante toda a pesquisa, dúvidas poderão ser esclarecidas com o orientador Prof. Milton Vieira do Prado Junior, telefone (14) 99792-4221, e-mail: milton.vieira@unesp.br.

Declaro que, tendo lido as informações aqui contidas, compreendi o objetivo desta pesquisa, como será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e estou plenamente de acordo com minha participação. Declaro estar ciente de que posso desistir a qualquer momento, sem penalidades. Autorizo minha participação nesta pesquisa e concordo com a utilização dos dados obtidos para fins acadêmicos, desde que assegurada a confidencialidade.

Nome: _____ R.G.: _____
Endereço: _____ Fone: _____
_____, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável